

Os textos e a breve biografia de Marie-Louise Berneri reproduzidos neste folheto foram extraídos do site "Racines et Branches - Un regard libre sur les théories et pratiques anti-autoritaires".

<<https://racinesetbranches.wordpress.com>>

Marie-Louise Berneri (1918-1949) - Breve biografia

Uma política construtiva

Texto original: "A Constructive Policy", Marie-Louise Berneri, *War Commentary*, dezembro de 1940.

O custo da guerra e da libertação

Texto original: "The Price Of War And Liberation" - Marie Louise Berneri - *War Commentary*, setembro de 1943.

O custo da guerra: pelo fogo e pela espada

Texto original: "The Price of War: By Fire and Sword" (O preço da guerra: pelo fogo e pela espada) Paris 1944.

Trecho de seu ensaio *By Fire and Sword*, incluído mais adiante no capítulo "Neither East Nor West", do livro *The Emergence of the New Anarchism*, de Robert Graham..



<https://www.cclamazonia.noblogs.org>
cclamazonia@gmail.com

2021/2-11-2021



francesas em idade escolar saberão tudo sobre os horrores da Revolução Francesa, o assassinato de padres e nobres, a morte em cativeiro dos herdeiros de Luís XVI e a decapitação de Maria Antonieta. Mas ele não saberá nada sobre os milhões de pessoas que morreram na Primeira Guerra Mundial e as centenas de milhares de crianças que morreram de fome e doenças por causa dele.

Revoluções não são sinônimo de assassinato e destruição em massa apenas entre crianças em idade escolar. Quantas vezes já vimos políticos socialistas e professores fabianistas eruditos pregarem a submissão e o compromisso com a classe dominante, acenando com o espectro da revolução sangrenta diante das massas abusadas? Foi com lágrimas nos olhos que Léon Blum pediu ao povo francês que não interviesse na revolução espanhola. Foi no interesse de "*poupar vidas*" que ele viu um dos mais fantásticos movimentos revolucionários ser sufocado e permitiu que as potências fascistas ganhassem experiência para empreender uma guerra mundial. É claro que, quando a guerra de fato eclodiu, Léon Blum esqueceu todo o seu delicado amor pela humanidade e incentivou o povo francês a ir para a matança. Como todo mundo sabe, as revoluções são eventos sangrentos, mas morrer em massa pela pátria é descrito como um sacrifício supremo e sublime, portanto, nesse caso, a morte realmente não conta.

É fácil prever que, depois dessa guerra, ainda haverá pessoas para falar sobre os horrores da Comuna e a execução de fascistas, capitalistas e padres na Espanha. Mas o bombardeio de Hamburgo, Paris e Londres, o bombardeio de Caen, o torpedeamento de transportes de tropas, a morte nos céus de milhares de jovens, a fome e as epidemias que assolam países inteiros: tudo isso será classificado como males necessários, calamidades inevitáveis que a humanidade deve se orgulhar de suportar. Os revolucionários continuarão a ser pessoas sedentas de sangue que devem ser mantidas presas. E se a escolha entre guerra e revolução fosse apresentada mais uma vez, cristãos, socialistas e comunistas, sem dúvida, escolheriam a guerra mais uma vez com base em princípios humanistas.

[1] Karl Baedeker 1801 - 1859. Livreiro e escritor alemão que teve a ideia de criar guias de viagem de bolso. Ele publicou várias edições de Paris e seus arredores.

O custo da guerra: pelo fogo e pela espada

Texto original: "The Price of War: By Fire and Sword" (O preço da guerra: pelo fogo e pela espada) Paris, 1944. Trecho de seu ensaio *By Fire and Sword*, posteriormente incluído no capítulo "Neither East Nor West" em *The Emergence of the New Anarchism*, de Robert Graham.

No prefácio do Baedeker's Paris and its environs [1], publicado em 1881, encontramos uma descrição do "mais deplorável desastre recente causado pelos métodos monstruosos dos comunistas durante o segundo 'reinado de terror', de 20 a 28 de maio de 1871". De acordo com o autor, "durante essa semana de horrores, nada menos que vinte e dois monumentos e edifícios públicos notáveis foram total ou parcialmente destruídos, e sete estações ferroviárias, os quatro principais parques e jardins públicos e centenas de casas e outros edifícios tiveram o mesmo destino".

Se o Barão Karl Baedeker tivesse que escrever um prefácio para um guia de Paris nos anos seguintes à guerra atual, ele provavelmente teria que listar muitos outros métodos "monstruosos" do exército alemão derrotado e dos exércitos vitoriosos de "libertação" que destruíram tudo. Haverá, no entanto, uma diferença: as cicatrizes que Paris, assim como outras cidades francesas como Caen, Cherbourg e muitas outras, carregarão serão cicatrizes nobres das quais o povo francês deverá se orgulhar, e não é certo que receberão os comentários depreciativos dirigidos à Comuna pelas futuras gerações de escritores de guias.

As revoluções têm o privilégio de ver os atos de violência que geraram receberem publicidade máxima em jornais, livros de história, romances, peças de teatro, filmes... e até mesmo em guias de viagem. Os horrores da guerra são esquecidos ou glorificados para os turistas, como as ruínas de Verdun. Mas tudo é feito para manter vivos na memória das pessoas os atos de violência que ocorreram durante as revoluções. Pergunte a qualquer estudante francês qual foi o período mais sangrento da história da França e ele provavelmente responderá que foi o período do Terror. Alguns milhares de pessoas foram mortas durante esse período, um número minúsculo em comparação com as guerras napoleônicas; um número minúsculo em comparação com as perdas da guerra de 1914-1918. Mas as crianças

Marie-Louise Berneri (1918-1949) Biografia resumida

Maria Luisa Berneri, nascida em 1º de março de 1918 em Arezzo, Itália, era a filha mais velha de Camillo e Giovanna Berneri. [1]

Ela adotou a versão francesa de seu nome e, depois de obter seu bacharelado, estudou psicologia na Sorbonne. Logo se envolveu no movimento anarquista.

Quando a Guerra Civil Espanhola estourou, seu pai Camillo lutou na frente de Aragão antes de se mudar para Barcelona, onde editou o jornal de língua italiana *Guerra di Classe*. Marie-Louise foi para lá duas vezes, a última delas após o assassinato de Camillo pelos comunistas em maio de 1937. Em seguida, ela viajou para a Inglaterra para se juntar ao seu parceiro Vernon Richards, onde passou o resto de sua vida e se tornou cidadã inglesa.

De 1936 até sua morte, seu nome foi associado à *Freedom Press*. Entre fevereiro e junho de 1939, ela participou da tentativa de manter vínculos com o movimento anarquista por meio da revista *Revolt!* Ela também fez parte do pequeno grupo por trás do *War Commentary* em novembro de 1939. Como resultado, ela foi a julgamento em abril de 1945, acusada de incitar a deserção, e foi absolvida por uma questão técnica.

Ela continuou a se interessar por psicologia, sendo uma das primeiras pessoas na Grã-Bretanha a se interessar pelo trabalho de Wilhelm Reich, em um artigo de agosto de 1945 intitulado "Sexuality and Freedom" no jornal *Now*, de George Woodcock.

Marie-Louise Berneri morreu em 13 de abril de 1949.

[1] É impossível dissociar a família Berneri da história do anarquismo. Tanto é assim que, na primeira conferência anarquista do pós-guerra em Paris, em 1948, Marie-Louise representou a Grã-Bretanha, sua irmã Giliana representou a França e sua mãe Giovanna representou a Itália.

Sua irmã mais nova, Giliane (1919-1998), que permaneceu na França, participou ativamente do movimento anarquista do pós-guerra, principalmente como ativista do grupo Sacco e Vanzetti da *Fédération Anarchiste* no Quartier Latin e como autora de artigos para o jornal *Le Libertaire*.

Sua mãe, Giovanna (1897-1962), que participou do antifascismo nas décadas de 1920 e 1930 e, mais tarde, do movimento anarquista, foi presa na França durante a guerra, internada e depois entregue às autoridades italianas. Ela permaneceu na prisão até o fim da guerra, antes de retomar suas atividades no movimento italiano.

Uma política construtiva

Texto original: "A Constructive Policy", Marie-Louise Berneri, War Commentary, dezembro de 1940.

Somos frequentemente acusados de não termos ideias políticas construtivas. As pessoas admitem que temos uma análise justa da situação atual e que *"nosso jornal tem o mérito real de denunciar a complacência e estimular o pensamento"*. Mas nos pedem que apresentemos soluções "práticas" para combater o fascismo e o capitalismo.

Não é preciso dizer que não aceitamos essas observações. Aceitamos que nossos leitores não encontrarão em nossas páginas receitas para curar a humanidade de todos os males que a afligem. O que alguns de nossos leitores claramente gostariam é de slogans, manifestos e programas que, em poucas linhas, oferecessem à classe trabalhadora os meios não apenas para acabar com o fascismo, mas também para trazer uma era de felicidade para os trabalhadores.

Recusamo-nos a adotar tais programas/receitas porque estamos convencidos de que a atual fraqueza da classe trabalhadora se deve ao fato de que todos os partidos, para ganhar popularidade e poder, simplificaram seus programas, reduzindo a proporções ridículas a natureza da luta que trará liberdade aos explorados.

Os slogans políticos tornaram-se como propagandas de medicamentos patenteados que prometem saúde, beleza e felicidade em troca de uma barra de sabão ou uma xícara de cacau. Vote nos trabalhistas e tudo ficará bem! Pague suas contribuições sindicais e você estará seguro! Um governo de trabalhadores fará a revolução. Escreva para seu deputado ou ministro, marche pelas ruas de forma disciplinada, com uma orquestra barulhenta e grite até ficar surdo, e seus desejos (demandas) serão atendidos!

Isso é o que os partidos alegam ser um programa político "realista" e, com o maior desprezo pelos "utópicos anarquistas", isso é o que eles defendem há um quarto de século sempre que surge uma dificuldade. Esses remédios se mostraram ineficazes contra o desemprego e o fascismo, a agressão italiana contra a Abissínia [Etiópia], o boicote franco-britânico aos revolucionários espanhóis, o rearmamento e a guerra. E, no entanto, os mesmos métodos mais uma vez, estão sendo propostos para lidar com os problemas criados pela situação atual.

que enfraquecesse a máquina de guerra de Mussolini e agora estão se aproveitando da fraqueza do povo para bombardeá-lo até os ossos.

Nossos políticos afirmam querer uma revolução na Europa para derrubar o fascismo. Mas agora está mais claro do que nunca que o que mais os assusta é o fato de o fascismo poder ser derrubado por uma revolta popular. Eles têm pavor de revolução, de "anarquia". Eles querem restabelecer a "ordem" e, como sempre, estão preparados para atravessar torrentes de sangue para garantir sua ideia de ordem - uma ordem na qual os trabalhadores aceitam sua parcela de pobreza e sofrimento com resignação.

Quantas vezes, no passado, ouvimos que o anarquismo era sinônimo de bombas, que os anarquistas trabalhavam para a destruição? Quantas vezes a repressão da classe dominante e da polícia foi desencadeada porque um anarquista tentou assassinar um simples líder ou um político reacionário? Mas um único ataque a Hamburgo matou mais crianças, mulheres e homens do que todos aqueles, reais ou inventados, mortos ao longo da história por bombas anarquistas. As bombas anarquistas tinham como alvo os tiranos responsáveis pela miséria de milhões de pessoas; as bombas da classe dominante matam milhares de trabalhadores indiscriminadamente.

"Desordem", "Anarquia", gritava a imprensa burguesa quando indivíduos decididos como Sbardelotto, Schirru e Lucetti tentaram matar Mussolini... Agora, os mesmos capitalistas querem varrer cidades inteiras do mapa da Europa; querem reduzir populações inteiras à fome, com o flagelo de epidemias e doenças que ocorrerão em todo o mundo. Essa é a paz e a ordem que eles querem trazer para os trabalhadores do mundo com suas bombas.

WAR *For Anarchism*
COMMENTARY

freneticamente de Hamburgo, com o que restou de seus bens nas costas, dos habitantes de Milão "*acampano sob as árvores*", os habitantes das cidades inglesas bombardeadas se lembrarão de suas próprias tentativas de escapar das noites de terror, se lembrarão de que, quando fugiram de Plymouth para o campo em uma longa procissão, encontraram as casas espaçosas dos ricos fechadas e foram condenados a vagar sem comida ou abrigo.

Quem sofre nas grandes cidades industriais quando elas são bombardeadas, se não os trabalhadores que tiveram uma vida de miséria e labuta, como os de Clydeside ou Coventry? Quando o porto de Nápoles foi bombardeado, foi o distrito superlotado da classe trabalhadora que circundava o porto que mais sofreu. As bombas não atingem as suntuosas vilas dos fascistas ricos espalhadas ao longo das margens da Baía de Nápoles; elas atingem aquelas casas de vários andares tão amontoadas que as ruas não passam de passagens escuras entre elas; casas onde as pessoas se amontoam em quatro ou cinco por cômodo.

Quando as cidades alemãs foram bombardeadas, não foi a elite nazista que sofreu. Eles tinham abrigos profundos e confortáveis, assim como a elite deste país. Suas famílias foram evacuadas para abrigos seguros ou para a Suíça. Mas os trabalhadores não puderam escapar. O proletariado urbano, os trabalhadores franceses, holandeses, belgas e escandinavos foram forçados a ir trabalhar apesar dos violentos bombardeios dos agentes da Gestapo de Himmler. Para eles, a fuga era impossível.

Os trabalhadores britânicos das fábricas de munições e aeronaves foram convidados a se alegrar com a destruição da qual não havia como escapar. Fotografias de montes de ruínas são afixadas em todas as paredes com a legenda "*Este é o resultado do seu trabalho*". A classe dominante quer que eles se orgulhem do fato de terem ajudado a destruir as famílias da classe trabalhadora. Porque foi isso que eles fizeram. Eles ajudaram seus senhores a encenar massacres que fazem com que a destruição de Guernica e o bombardeio de Roterdã e Varsóvia pareçam guerras simuladas. Pôsteres como esses deveriam escandalizar a humanidade, deixá-la enojada com o papel que a sociedade capitalista pede que ela desempenhe.

Os trabalhadores italianos mostraram que, apesar de vinte anos de opressão fascista, haviam aprendido onde estavam seus interesses de classe. Eles se recusaram a ser brinquedos nas mãos dos chefes. Eles entraram em greve, sabotaram a indústria bélica, cortaram as linhas telefônicas e desorganizaram o transporte. Qual foi a resposta da Grã-Bretanha democrática à sua luta contra o fascismo? Bombardeios e mais bombardeios. Os Aliados pediram ao povo italiano

O leitmotiv dos partidos de esquerda é que os trabalhadores devem ter o máximo de peso possível no governo. Isso parece bastante construtivo. Mas isso significa apenas que os líderes trabalhistas entrarão no governo com políticas de direita. Para os trabalhadores, isso significa sacrifícios e a perda de todas as liberdades a fim de garantir o privilégio de ver "seus" ministros sentados nos bancos do governo. Nenhuma melhoria foi alcançada e todos os canais oficiais para expressar o descontentamento foram perdidos.

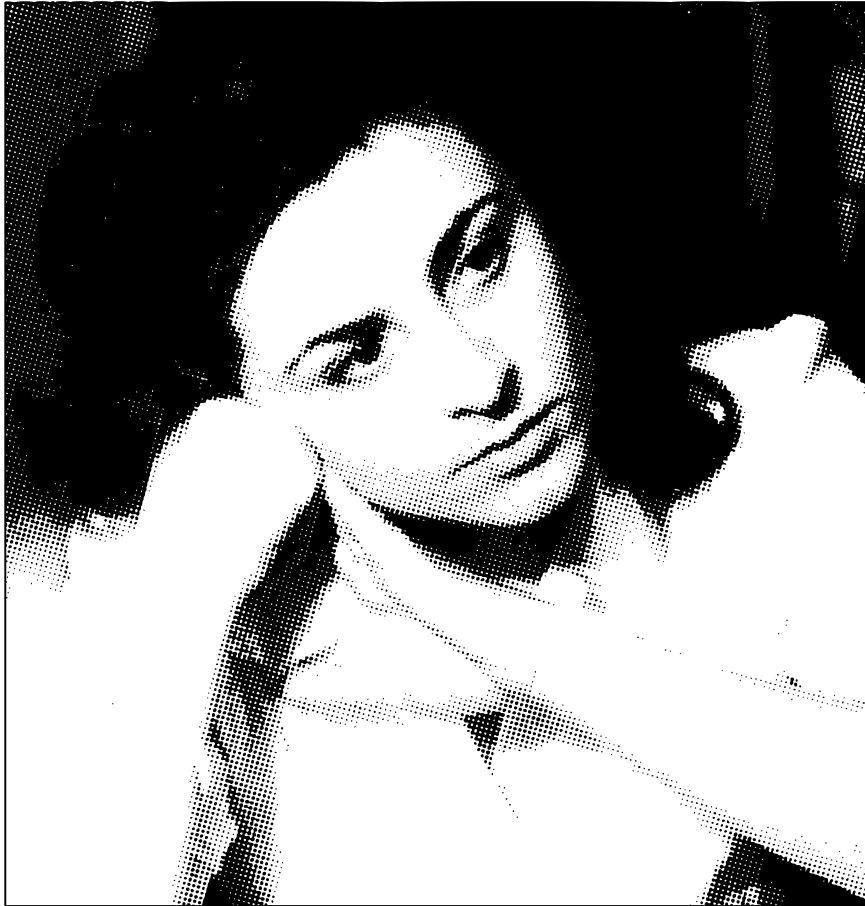
Outra solução "prática" defendida pelo Partido Trabalhista é emitir uma declaração de guerra ou paz. Aparentemente, o mundo conhece nosso amor pela liberdade e pela justiça. Será que os "utópicos" podem sugerir à equipe editorial do [pró-trabalhista] *Daily Herald* que, se o Partido Trabalhista está interessado em mostrar ao mundo o quanto somos "democráticos", ele poderia, por exemplo, recusar-se a se associar a um governo que aprisionou Nehru por quatro anos (é preciso acrescentar que petições, cartas abertas, etc., etc., não terão efeito algum?)

Não é mudando ministros - homens vergonhosos! - ou fazendo declarações que derrotarão o fascismo e o capitalismo. O problema é mais complexo do que isso. Não temos a intenção de juntar nossas vozes àquelas que enganam os trabalhadores, fazendo-os acreditar que seus "líderes" os livrarão de problemas. O problema exige uma transformação completa da atitude atual da classe trabalhadora. Não é possível mudar o regime atual se não houver espírito revolucionário, se os trabalhadores não entenderem algumas verdades fundamentais:

1. Que trabalhadores e capitalistas não podem ter causas comuns.
2. Que o imperialismo é a principal causa da guerra e que essa causa deve ser erradicada.
3. Que os governos, tanto conservadores quanto trabalhistas, são sempre instrumentos de opressão e que os trabalhadores precisam aprender a viver sem eles.
4. Que os partidos querem o poder para seu próprio benefício - o de uma pequena minoria. Portanto, todo o poder deve ser tomado e mantido nas mãos de sindicatos que incluam a grande maioria dos homens e mulheres que produzem.

Não podemos construir até que a classe trabalhadora tenha perdido suas ilusões, sua aceitação dos patrões e sua fé nos líderes. Nossa política é educá-la, estimular seu instinto de classe e ensinar-lhe métodos de luta. Essa é uma tarefa longa e difícil, mas para aqueles que preferem soluções eficazes como a guerra, gostaríamos de salientar que a grande guerra mundial, que deveria pôr fim a todas as guerras e garantir a democracia, só produziu o fascismo e outra guerra; que essa

guerra, sem dúvida, produzirá outras guerras, deixando intactos os problemas recorrentes dos trabalhadores. Nossa maneira de recusar a tarefa inútil de remendar um mundo podre, mas de tentar construir um novo, não é apenas construtiva, mas também a única maneira possível.



O custo da guerra e da libertação

Texto original: "The Price Of War And Liberation" - Marie Louise Berneri - *War Commentary*, setembro de 1943.

Os bombardeios britânicos mataram milhares de pessoas nas últimas semanas. Em Quebec [uma cúpula aliada], os políticos que têm abrigos fora do alcance das bombas planejam continuar os bombardeios maciços como forma de continuar a "guerra contra o fascismo".

Hamburgo, Milão, Gênova e Turim são campos de ruínas, com suas ruas cobertas de cadáveres e pingando sangue. "Hamburgiser" tornou-se um novo termo para a destruição total de cidades e o assassinato em massa de suas populações por ataques terroristas. A imprensa elogiou a capacidade da RAF de causar essa destruição em cidades da Alemanha e da Europa Central. A imprensa uiva de indignação quando os alemães bombardeiam igrejas e hospitais, mas quando o cheiro de carnificina surge de cidades outrora belas e populosas, ela encontra palavras para se alegrar. Quando a rede de água de Milão foi atingida e o centro da cidade foi inundado, ela fez piada com o fato. Um jornalista espirituoso o chamou de "Lago Milão". O que importa para ela se *"a água flui entre as ruínas e os escombros dos prédios bombardeados e as pessoas que moram na área foram forçadas a ficar nos escombros de suas casas por quatro dias, até que a água baixasse e elas pudessem sair..."*. Milan Lake" é de fato uma piada magnífica. Mas enquanto os jornalistas dão risadas nos pubs da Fleet Street, hospitais e equipes de resgate trabalham dia e noite para tentar aliviar o sofrimento, a fome e a miséria das vítimas.

Nossos cartunistas também encontrarão algo divertido para dizer sobre a destruição: "Berlim está fora do ar e logo estará fora do mapa também! Mas quando eles publicarem as fotos e as descrições da destruição e da miséria em Hamburgo e Milão, as pessoas de Clydeside e Coventry, Plymouth e East End de Londres se lembrarão dos dias e das noites em que suas casas foram bombardeadas, quando seus entes queridos foram mortos ou estavam esperando sua vez no hospital... Quando os jornais contarem histórias exultantes de refugiados saindo